

## Febre suína africana e o impacto nos preços brasileiros de proteínas

Ellen Regina Steter  
Leandro Câmara Negrão

O número de casos de febre suína africana<sup>1</sup> aumentou consideravelmente ao longo do último semestre do ano passado. A doença que estava concentrada em alguns países do leste europeu passou a ser reportada em países asiáticos. Ainda que o número de casos mundiais tenha caído nos últimos meses, segundo informações da OIE<sup>2</sup>, a abrangência territorial do vírus aumentou, especialmente no território chinês.

A chegada da febre suína no rebanho chinês mudou a escala da preocupação quanto ao potencial impacto da doença no setor de carnes, no comércio exterior e nos preços. A China é a maior consumidora e produtora mundial de suínos, responde por cerca de 50% da produção e do consumo global, também ocupando a colocação de maior importadora da proteína. No ano passado, o país produziu 54 milhões de toneladas e consumiu 55,4 milhões de toneladas<sup>3</sup>.

Gráfico 1: Número de casos no mundo

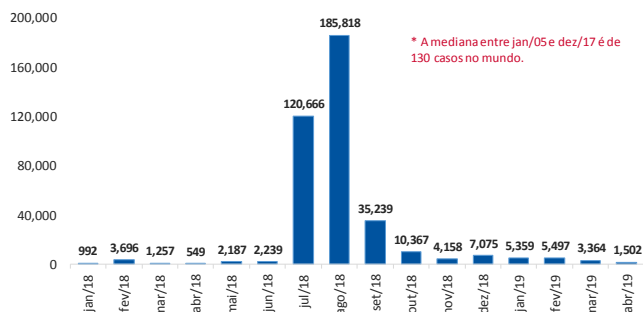


Gráfico 2: Número de casos na China

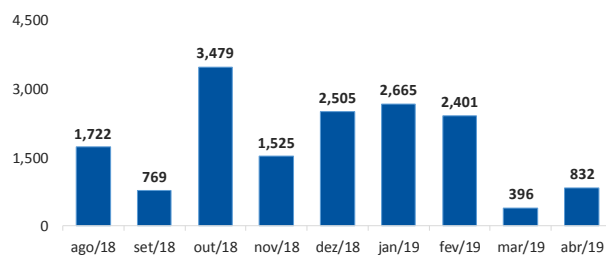


Gráfico 3: Casos reportados entre jan-jul/18

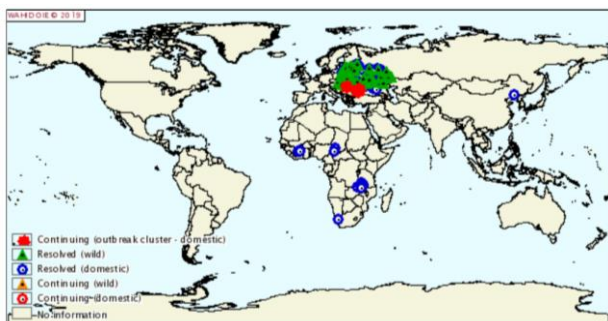
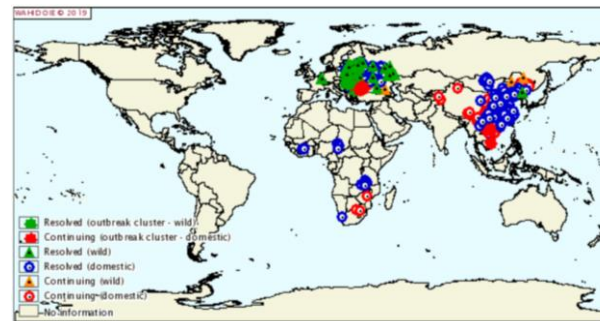


Gráfico 4: Casos reportados entre jul/18 a abr/19



Fonte: OIE, Bradesco

<sup>1</sup> Vírus que acomete apenas suínos (domesticados e selvagens), sem impacto na saúde humana. A febre não possui tratamento ou vacina, assim seu controle ocorre pelo abate do animal/rebanho. PSA – Peste Suína Africana.

<sup>2</sup> Organização Mundial da Saúde Animal.

<sup>3</sup> Segundo USDA.

O rebanho chinês passou de 428 para 375 milhões de porcos entre dezembro e março, uma redução de 12,4%, segundo dados do Departamento de Estatística da China. Dados do USDA apontam para retração de 10% na produção de suínos na China. A expectativa de alguns analistas, contudo, é de que haja uma queda de até 30% da produção neste ano. Ainda que o cenário conservador se concretize (queda de 10%), serão 5 milhões de toneladas a menos ante o ano passado, que dificilmente serão compensadas por importação<sup>4</sup>.

Será a maior queda de produção já observada na China. Considerando a série recente, desde 2000, é possível identificar três momentos em que houve retração da produção chinesa de suínos: i) 2006-2008, quando o rebanho foi infectado pela doença da “orelha azul”; ii) 2010-2012, impacto da diarreia epidêmica de suínos (PED – Porcine Epidemic Diarrhea); e, iii) 2015-2016, ajuste na produção local em função de diretrizes ambientais. Entre os eventos, os ciclos da “orelha azul” e do “ajuste ambiental” foram os mais intensos, com retração em torno de 7% da produção em um horizonte de dois anos. Apesar de severos, seriam aquém do esperado para a febre suína africana.

Gráfico 5: Produção de porcos na China

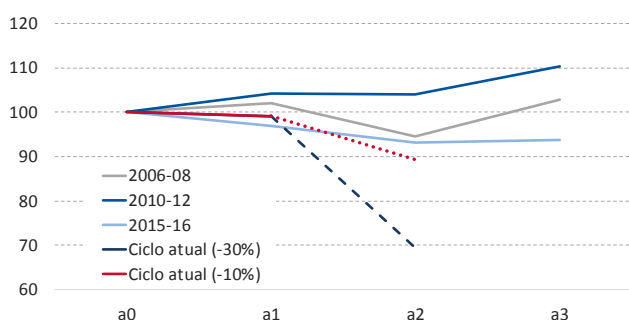
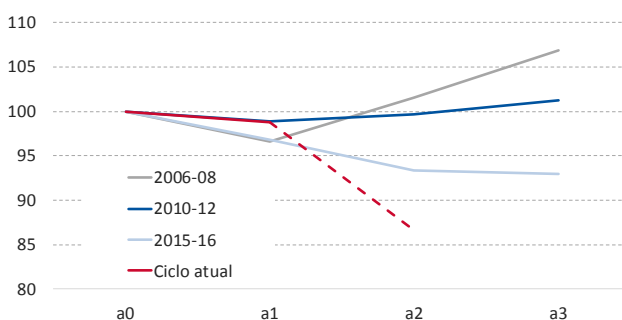


Gráfico 6: Estoque de porcos na China



a0: ano anterior ao evento; a1: ano de ocorrência do evento.

Fonte: USDA, CEIC, Bradesco

Diante disso, espera-se algum aumento das importações chinesas e substituição da proteína, com impactos sobre o Brasil. O Brasil ocupa a quarta colocação no ranking de exportações de suínos. Em 2018, escoamos 730 mil toneladas, volume bem inferior aos primeiros colocados: União Europeia (2,9 milhões), EUA (2,7 milhões) e Canadá (1,3 milhão).

O USDA estima crescimento de 23% para as exportações brasileiras de porcos, atingindo o equivalente a 900 mil toneladas. Considerado três cenários distintos para o crescimento da nossa produção anual: i) média dos últimos 5 anos; ii) dos últimos 10 anos e iii) período entre 2006 a 2008 - doença da “orelha azul”. Apenas se a oferta seguir padrão de iii) e o consumo doméstico ficar estável em relação ao ano passado, conseguiríamos exportar 1 milhão de toneladas. Como o ciclo do suíno não responde no curtíssimo prazo – ajustes na oferta demandam aproximadamente 9 meses – uma ampliação mais significativa da produção com impacto na balança comercial tende a ser maior apenas no próximo ano.

<sup>4</sup> A exportação mundial de suínos somou 8,5 milhões de toneladas em 2018.

Tabela 1: Simulação para as exportações brasileiras de suínos

	Período	Varição anual da produção	Produção (em mil toneladas)	Consumo = 2018	Exportação (com consumo interno estável)	Consumo variando	Varição anual do consumo	Exportações (com consumo interno variando)
	2018 (efetivo)	1.0%	3,763	3,035	730			
Simulação 2019	Média últimos 5 anos	3.2%	3,883	3,035	848	3,084	1.6%	800
	Média últimos 10 anos	2.4%	3,977	3,035	942	3,108	2.4%	869
	Crescimento 2006-2008	3.6%	4,120	3,035	1,085	3,250	7.1%	869
	Expectativa USDA para 2019		3,975			3,077	1.4%	900

Fonte: USDA, Bradesco

Com a limitação do volume exportável, a substituição de proteína se mostra como alternativa. Considerando apenas o preço como critério, o principal candidato é o frango. Como o ciclo avícola é mais curto, ao redor de 45 dias, a resposta do setor tende a ser mais rápida. O Brasil é o maior exportador mundial de frangos, com participação de aproximadamente 30% do mercado. Adaptando o exercício anterior para aves, seria possível retornar, sem pressionar o mercado local, para o volume exportado no período pré-embargo (2015-2017), quando escoávamos aproximadamente 4 milhões de toneladas. Esperar um forte crescimento da produção como observado entre 2006-2008 pode ser mais desafiador, pois ao longo do ano passado o setor reduziu o alojamento de matrizes de corte. A possibilidade da expansão da produção para atender o mercado externo não está restrita apenas ao potencial instalado e à produtividade das empresas, mas também à ampliação do número de plantas habilitadas para escoamento.

Tabela 2: Simulação para as exportações brasileiras de frangos

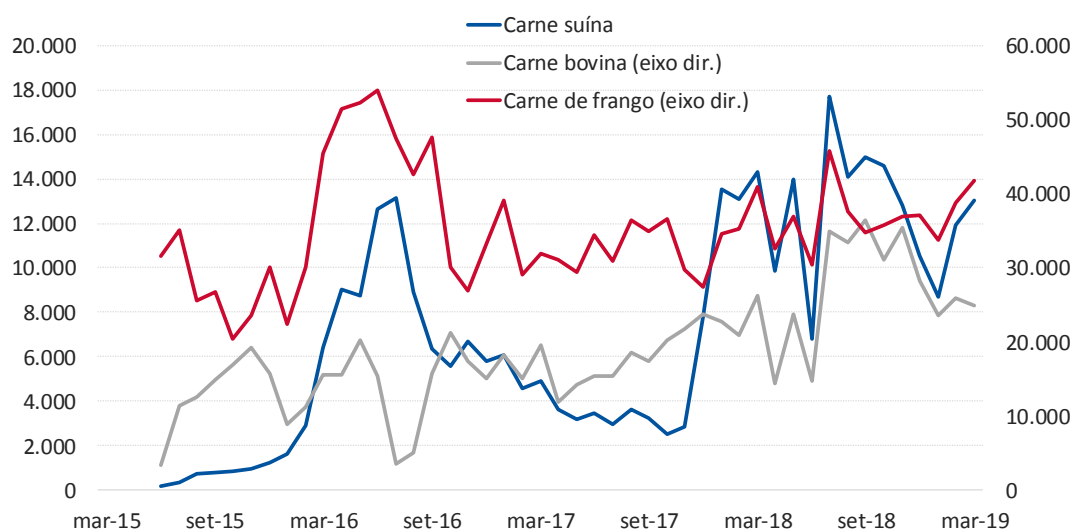
	Período	Varição anual da produção	Produção (em mil toneladas)	Consumo = 2018	Exportação (com consumo interno estável)	Consumo variando	Varição anual do consumo	Exportações (com consumo interno variando)
	2018 (efetivo)	-1.9%	13,355	9,671	3,687			
Simulação 2019	Média últimos 5 anos	1.1%	13,502	9,671	3,831	9,768	1.0%	3,734
	Média últimos 10 anos	2.3%	13,812	9,671	4,141	9,922	2.6%	3,890
	Crescimento 2006-2008	5.7%	14,600	9,671	4,929	10,203	5.5%	4,397
	Expectativa USDA para 2019		13,635			9,863	2.0%	3,775

Fonte: USDA, Bradesco

Por enquanto, a trajetória das exportações de carnes brasileiras para a China não mostrou alterações relevantes. No primeiro trimestre deste ano, o volume exportado de suíno caiu 18% ante mesmo período do ano passado. Na mesma base de comparação, o de frango cresceu 3% e o de bovinos 6%. Vale ressaltar que o Brasil ainda tem algumas limitações sanitárias para exportação.

### Gráfico 7: Exportações brasileiras para China

Em toneladas



Fonte: Funcex, Bradesco

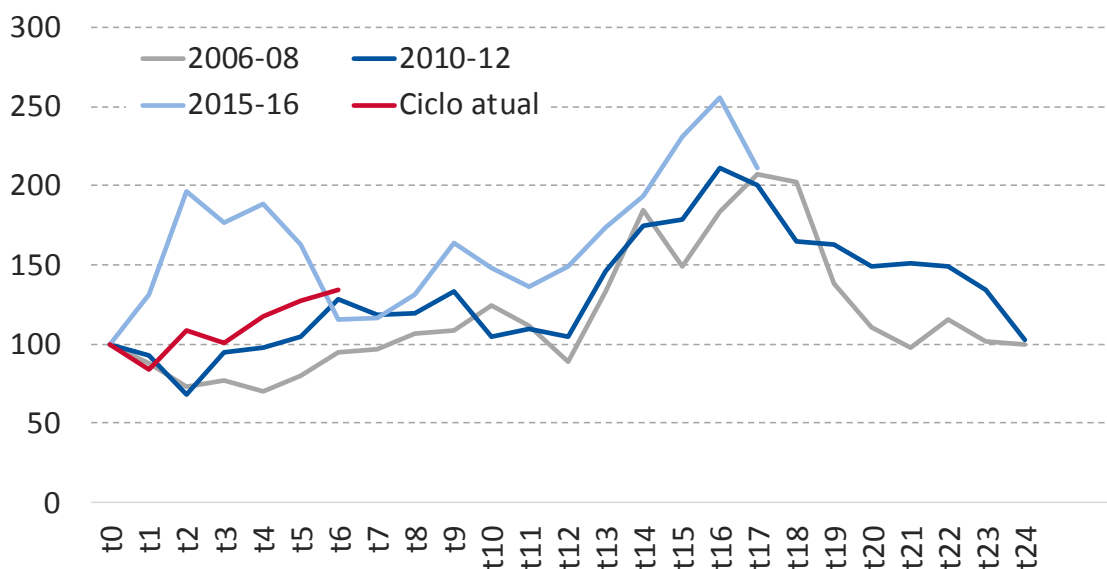
Além do potencial de crescimento da produção brasileira, é relevante compreender como as importações chinesas se comportaram nos últimos choques. Com exceção do período de 2015-2016, a demanda chinesa foi atendida principalmente pelos EUA. No “ciclo ambiental”, a União Europeia foi o principal exportador.

Tabela 3: Participação das importações chinesas na produção mundial de proteínas

	Suíno	Frango	Bovino	
2005	0.1%	0.3%	0.02%	
2006	0.1%	0.5%	0.00%	Orelha azul
2007	0.2%	0.7%	0.01%	
2008	0.7%	0.5%	0.01%	
2009	0.3%	0.5%	0.04%	
2010	0.4%	0.4%	0.07%	PED
2011	0.7%	0.3%	0.05%	
2012	0.7%	0.3%	0.16%	
2013	0.7%	0.3%	0.7%	
2014	0.7%	0.3%	0.7%	
2015	0.9%	0.3%	1.1%	Ambiental
2016	2.0%	0.5%	1.4%	
2017	1.4%	0.3%	1.6%	
2018	1.4%	0.4%	2.4%	

Fonte: USDA, Bradesco

Gráfico 8: Exportações de frangos e suínos dos EUA para China

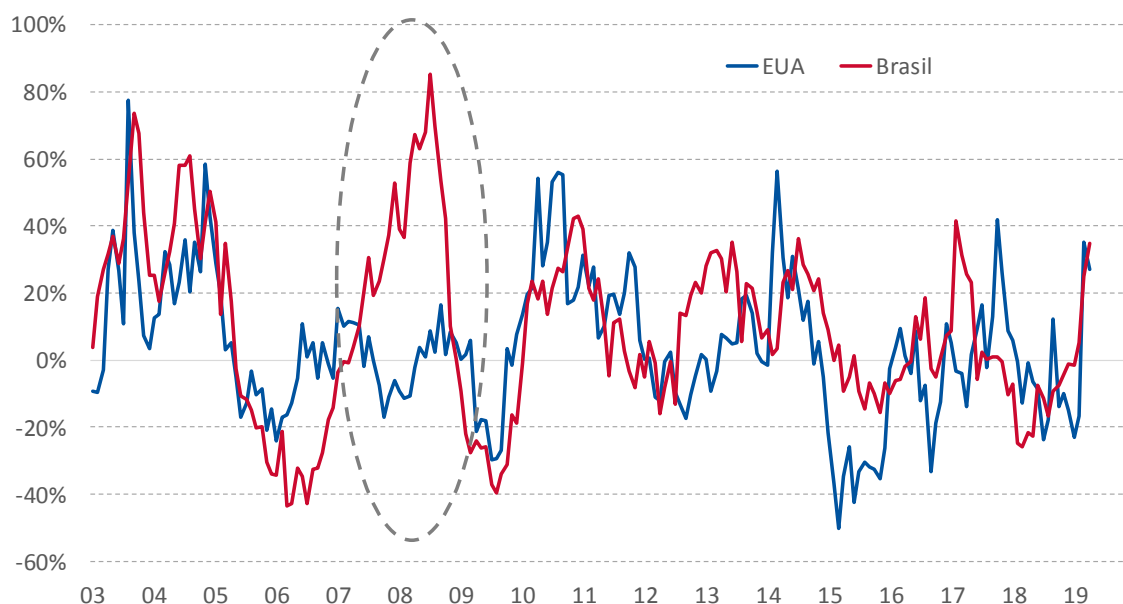


Fonte: USDA, Bradesco

**Os episódios trouxeram desequilíbrios para o setor e impactaram a trajetória dos preços.** Dada a relevância dos EUA como principal fornecedor nos ciclos descritos, monitorar o mercado norte-americano tende a ser um bom indicador antecedente. De fato, encontramos correlação entre a precificação no mercado brasileiro e no norte-americano, com defasagem média de 2 meses para o preço nacional.

Gráfico 9: Preço de suíno (Chicago e Brasil)

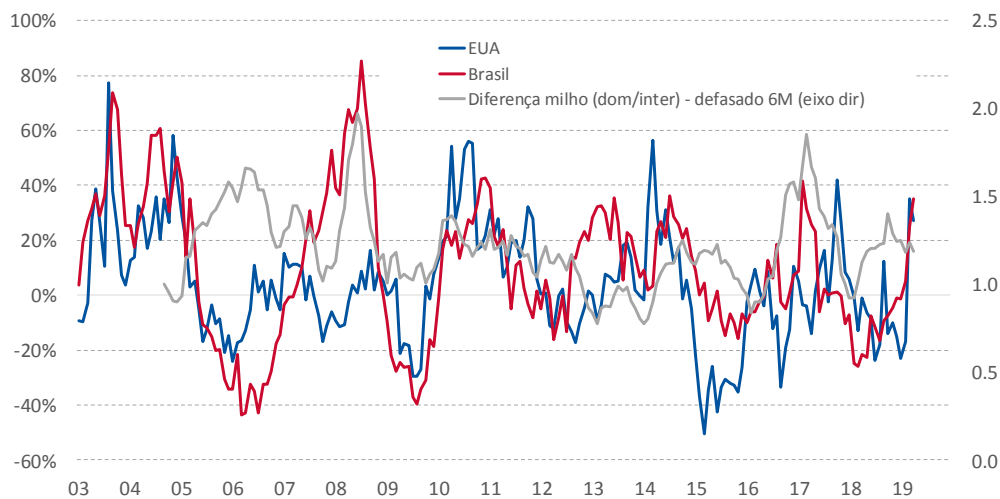
Varição interanual



Fonte: Bloomberg, CEPEA, Bradesco

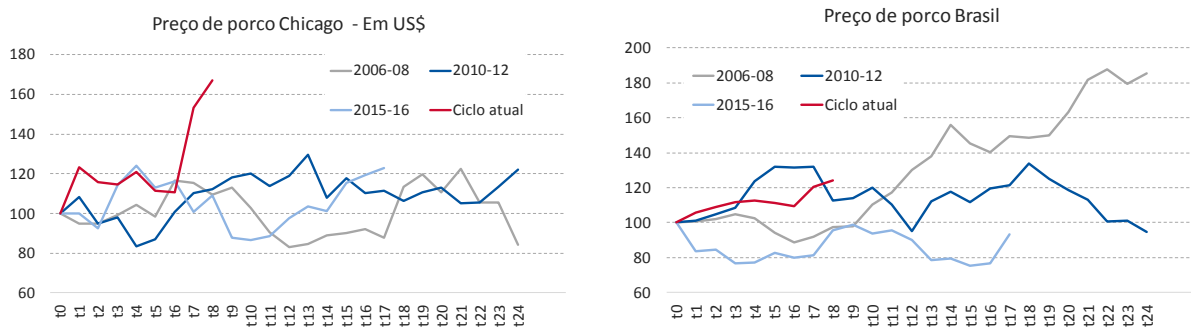
Com exceção do ciclo da "orelha azul", a variação de preços no mercado doméstico foi similar à observada nos EUA. Nesse episódio, questões locais se sobressaíram ao contexto externo. O período foi marcado por forte elevação na cotação interna do milho, em decorrência da quebra de safra nacional do grão. Cerca de 70% do custo de produção do suíno é proveniente da ração, que é composta por aproximadamente 60% de milho. O aumento do insumo pressionou os preços da proteína e incentivou o abate de matrizes. Assim, quando incluímos a diferença entre a cotação do milho nos EUA e no Brasil, preenchemos a lacuna dos preços de suínos.

**Gráfico 10: Preço de suíno (Chicago e Brasil, variação interanual) e diferença entre a cotação interna e externa do milho (em p.p.)**



Fonte: Bloomberg, CEPEA, Bradesco

**Gráfico 11: Preço de suíno nos EUA e no Brasil em episódios de "choques" na produção**



Fonte: Bloomberg, CEPEA, Bradesco

Desde o início do choque da febre suína africana na China, os preços de porcos em Chicago aumentaram **67,2%**. Mantendo a proporção observada nos últimos choques, entre a queda da produção chinesa de suínos e os preços nos EUA (7% de retração na produção elevou em média 21% os preços), é possível intuir que a cotação atual precifica uma queda ao redor de 25% na produção chinesa<sup>5</sup>.

A manutenção dos preços norte-americanos no patamar atual seria compatível com uma variação de **43% na cotação do suíno no atacado brasileiro, equivalente a 12% para o consumidor**<sup>6</sup>. No entanto, utilizando hipótese mais conservadora, de que se trata do maior choque na oferta de porcos e que a precificação nos EUA poderá continuar se elevando, consideramos na nossa projeção oscilação de 19% neste ano para o varejo, compatível com 95% de aumento no atacado.

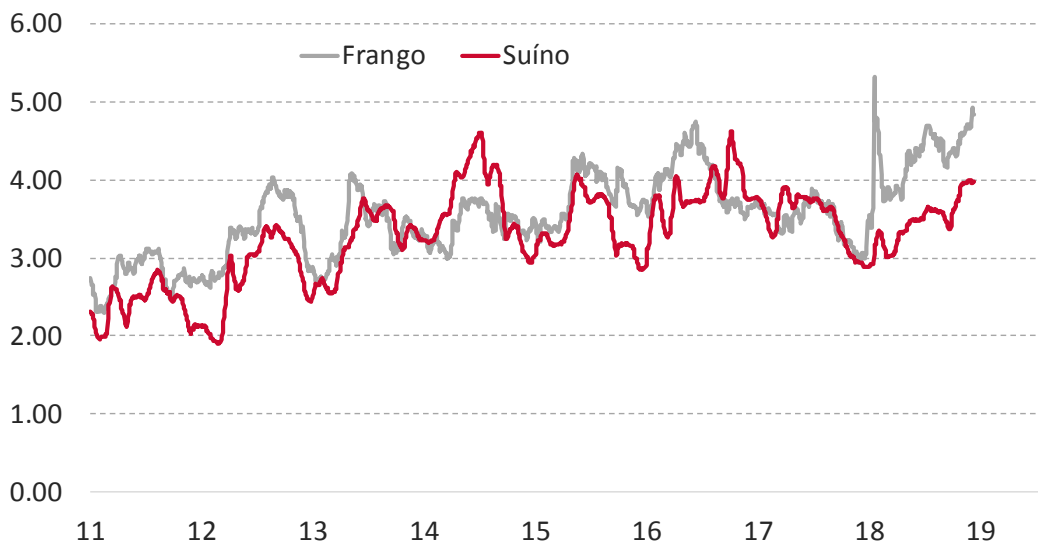
<sup>5</sup> Em um modelo estrutural para os preços de suínos nos EUA é possível chegar em números semelhantes (cerca de 30%).

<sup>6</sup> Considerando a série de preços do CEPEA e do IPCA entre 2004-2019, a cada 10% de elevação no atacado é repassado aproximadamente 2,5% para o varejo.

**Consideramos que parte relevante do choque se dará neste ano.** Ainda que haja o reconhecimento da elevada incerteza e de que o impacto não deverá ser dissipado no curto prazo, quando há abate de matrizes (como no caso atual), a retomada do plantel é próxima de 2 anos. Por isso, esperamos apenas aumentos residuais em 2020. Para que ocorram elevações na mesma magnitude no próximo ano, serão necessárias novas revisões baixistas da produção chinesa. Assim, estimamos elevação de 9,3% no atacado brasileiro, compatível com variação de 4,4% no varejo em 2020.

**Além do impacto direto no preço do suíno, a possibilidade de substituição da proteína tem afetado a cotação do frango.** O preço da ave, no acumulado do ano até abril, apresentou aumento de 31% nos EUA e de 7% no Brasil. O elevado grau de substitutibilidade dessas proteínas torna a variação do preço muito similar.

**Gráfico 12: Preço de suíno e de frangos no Brasil (R\$/kg)**



Fonte: CEPEA, Bradesco

**A partir desses episódios e dessas correlações, estimamos impacto equivalente de frangos e suínos para o consumidor final: variação de 19,1% para essas proteínas neste ano no IPCA.** Dessa forma, esse grupo deverá contribuir com 0,20 p.p. na variação do IPCA do ano. Se não fosse a febre suína africana, a contribuição seria de apenas 0,05 p.p.

**Apesar de o efeito não ser propriamente direto, há expectativa de que o preço da carne bovina também seja afetado.** Nos choques anteriores, notamos que a participação da China nas importações mundiais dessa proteína era baixa. Apenas a partir de 2015 ela superou 1%, sendo que parte relevante do aumento do volume importado teve como principal contrapartida os EUA. Entre os choques na oferta de suínos na China e o impacto na carne bovina nacional, destacamos os anos de 2007 e 2010, quando a carne vermelha mostrou oscilação ao redor de 40%. Nessas ocasiões, a variação de preços se mostrou mais intensa no mercado doméstico do que no internacional por conta de fatores exógenos à doença suína. Novos acordos comerciais, demanda interna aquecida e principalmente um ciclo mais restritivo na oferta – o setor havia elevado o abate de vacas matrizes desde 2004 – explicam essa diferença de preços. Hoje em dia, a oferta de carne vermelha está equilibrada e a dinâmica da atividade econômica se mostra menos intensa. Adicionalmente, nossas exportações estão focadas em cortes dianteiros. Logo, um eventual crescimento nas exportações seria acompanhado de elevação na oferta de cortes traseiros, que é o mais relevante para o mercado nacional. Essa dinâmica pode minimizar o impacto de preços para o consumidor final.

Com isso, estimamos aumento de 8,0% para carne bovina no IPCA deste ano. Para tanto, consideramos que apenas 47%<sup>6</sup> da variação que será observada no atacado chegará ao consumidor final. Essa expectativa é compatível com a cotação de R\$ 165/arroba no final deste ano, que adiciona 0,20 p.p. ao IPCA. Somando os demais alimentos da cadeia: industrializado, ovos e lácteos, projetamos variação 10,5% neste ano, em função do impacto primário das demais proteínas. Assim, a contribuição do complexo carnes no IPCA será acentuado pelo efeito da febre suína africana. Estimamos que o choque trará incremento de 0,38 p.p. para a variação dos preços ao consumidor neste ano.

Tabela 4: Impacto do complexo carnes no IPCA

	Pesos	Jan -Abr	Mai - Dez	2019	2020	IPCA			
						Contribuição 2019	Incremento PSA 2019	Contribuição 2020	Incremento PSA 2020
Suíno + Frango	1.0%	2.5%	16.7%	19.1%	4.5%	0.20	0.15	0.05	0.00
Bovino	2.5%	1.0%	7.0%	8.0%	5.0%	0.20	0.09	0.12	0.01
Cadeia proteínas*	2.9%	3.6%	6.0%	9.6%	5.4%	0.28	0.15	0.16	0.03
<b>Total</b>	<b>6.4%</b>	<b>2.4%</b>	<b>8.1%</b>	<b>10.5%</b>	<b>5.1%</b>	<b>0.67</b>	<b>0.38</b>	<b>0.32</b>	<b>0.04</b>

(\*) alimentos industrializados, ovos e leite e derivados

Fonte: IBGE, Bradesco

Em resumo, estimamos que o impacto adicional atribuído aos efeitos da febre suína é de 0,42 p.p. no IPCA, sendo 0,38 p.p. neste ano e 0,04 p.p. em 2020. Essas pressões tendem a elevar apenas marginalmente nossas projeções para o IPCA de 2019, que está em 3,8%, uma vez que outros fatores, majoritariamente o hiato do PIB, têm atuado para reduzir as projeções do núcleo de inflação. Para 2020, a projeção está mantida em 3,9% dado o impacto residual da PSA nos preços. Entendemos que a evolução dos casos de febre suína africana na China se mostra desafiadora para o setor e representa risco altista para preços de alimentação. Entretanto, diferentemente dos últimos choques observados em suínos, alguns vetores poderão mitigar os efeitos nos preços nacionais: i) baixo dinamismo da atividade local, que pode reduzir o repasse do atacado para o varejo; ii) a oferta de proteína no mercado brasileiro está mais equilibrada do que no ciclo anterior (inclusive com parte do setor ainda esperando resolução de alguns embargos para exportação); iii) como no episódio da doença da “orelha azul”, os EUA podem ganhar mercado e isso pode ser parte da negociação da questão da tensão comercial e, por último, iv) o custo dos insumos está mais baixo, inclusive porque a demanda pelos grãos será menor em virtude da queda da produção de suínos.

<sup>6</sup> A cada 10% de aumento no atacado, o preço no varejo eleva 4,7%. Exercício estimado com a variação de preços do CEPEA e do IPCA no período de 2004-2019.



## Equipe Técnica

**Diretor de Pesquisas e Estudos Econômicos** Fernando Honorato Barbosa

**Economistas** Andréa Bastos Damico / Ariana Stephanie Zerbinatti / Constantin Jancsó / Ellen Regina Steter Hanna Farath / Fabiana D'Atri / Igor Velecico / Leandro Câmara Negrão / Mariana Silva de Freitas / Myriã Tatiany Neves Bast / Priscila Pacheco Trigo / Rafael Martins Murrer / Renan Bassoli Diniz / Robson Rodrigues Pereira / Thiago Coraucci de Angelis / Thomas Henrique Schreurs Pires

**Estagiários** Ana Beatriz Moreira dos Santos / Camila Medeiros Tanomaru / Daniel Funari Fouto / Gustavo Rostelato de Miranda / Isabel Cristina Elias de Souza Oliveira / Lucas Maia Campos / Thaís Rodrigues da Silva

[economiaemdia.com.br](http://economiaemdia.com.br)

O DEPEC – BRADESCO não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Todos os dados ou opiniões dos informativos aqui presentes são rigorosamente apurados e elaborados por profissionais plenamente qualificados, mas não devem ser tomados, em nenhuma hipótese, como base, balizamento, guia ou norma para qualquer documento, avaliações, julgamentos ou tomadas de decisões, sejam de natureza formal ou informal. Desse modo, ressaltamos que todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BRADESCO de todas as ações decorrentes do uso deste material. Lembramos ainda que o acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade e uso. A reprodução total ou parcial desta publicação é expressamente proibida, exceto com a autorização do Banco BRADESCO ou a citação por completo da fonte (nomes dos autores, da publicação e do Banco BRADESCO)